

A POÉTICA DO CONTÁGIO EM “O TRIBUNAL DA QUINTA-FEIRA”, DE MICHEL LAUB

*Marcio Markendorf
Marbina de Alexandri Baldwin*

Resumo: Neste artigo buscou-se analisar o romance de Michel Laub, “O tribunal da quinta-feira”, a partir da perspectiva do HIV/AIDS e sua inserção metafórica na paisagem literária do século XXI. Em vista dos traumas históricos produzidos pela pandemia nos anos 1980, a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida dificilmente foi abordada no espaço da ficção literária canônica e tampouco essa enfermidade pôde ser usada como dispositivo metafórico na arte. Ao ter sido atrelada a corpos dissidentes da sociedade – sobretudo gays, negros haitianos, profissionais do sexo –, é possível compreender porque há um lastro de abjeção caracterizando a natureza da doença, razão que a limitaria no campo das metáforas. Logo, ao contrário de outras doenças, tais como a tuberculose ou a sífilis, largamente empregadas de forma dramática na literatura, o HIV/AIDS enfrenta certo desuso poético e certa repelência nos domínios simbólicos. A obra de Laub, revisitando a história da epidemia a partir de um soropositivo contemporâneo, apresenta uma renovada metáfora viral na qual convergem o orgânico (o vírus corporal) e o cibernético (a viralização em rede), permitindo outra percepção da doença e dos processos atuais de comunicação na internet. Por meio de tal confluência, denominada aqui como poética do contágio, discorreu-se sobre temas como gênero, sexualidades dissidentes, abjeção, contaminação, mundo virtual.

Palavras-chave: Michel Laub. HIV/AIDS. Contágio. Literatura.

THE POETICS OF CONTAGION IN “O TRIBUNAL DA QUINTA-FEIRA”, BY MICHEL LAUB

Abstract: In this article, Michel Laub's novel “O tribunal da quinta-feira” was analyzed from the perspective of HIV/AIDS and its metaphorical insertion in the literary landscape of the 21st century. In view of the historical traumas produced by the pandemic during the 1980s, the Acquired Immunodeficiency Syndrome was hardly represented in the space of canonical literary fiction, nor in the form of a metaphorical device in the arts. Because it is linked to dissident bodies in society - mainly gays, black Haitians, sex workers – it is possible to understand why there is an abjection ballast characterizing the nature of the disease, a reason that would limit it in the field of metaphors. Therefore, unlike other diseases, such as tuberculosis or syphilis, which are widely used dramatically in the literature, HIV/AIDS faces a certain poetic disuse and a certain repulsion in symbolic domains. Revisiting the history of the epidemic from a seropositive character in contemporary times, Laub's novel presents a renewed viral metaphor in which the organic (the body virus) and the cyber (messages went viral on the network) converge, allowing another perception of the disease and of the communication processes on the Internet. Through this confluence, called here the contagion poetics, we discussed themes such as gender, dissident sexualities, abjection, contamination, the virtual world.

Keywords: Michel Laub. HIV/AIDS. Contagion. Literature.

LA POÉTICA DE CONTÁGIO EN “O TRIBUNAL DA QUINTA-FEIRA”, DE MICHEL LAUB

Resumen: En este artículo, buscamos analizar la novela de Michel Laub, “O tribunal da quinta-feira”, desde la perspectiva del VIH/SIDA y su inserción metafórica en el panorama literario del siglo XXI. A la vista de los traumas históricos producidos por la pandemia de los años 80, el Síndrome de

Inmunodeficiência Adquirida fue poco abordado en el espacio de la ficción literaria canónica, y por tampoco esta enfermedad podría ser utilizada como dispositivo metafórico en el arte. Vinculado a cuerpos disidentes de la sociedad – sobre todo gays, negros haitianos, trabajadoras sexuales - es posible entender por qué existe un lastre de abyección que caracteriza la naturaleza de la enfermedad, que la limitaría en el campo de las metáforas. Por tanto, diferentemente de otras enfermedades, como la tuberculosis o la sífilis, que son muy utilizadas de forma espectacular en la literatura, el VIH/SIDA afronta un cierto desuso poético y una cierta repulsión en los dominios simbólicos. El trabajo de Laub, revisando la historia de la epidemia de una persona VIH positiva contemporánea, presenta una metáfora viral renovada en la que lo orgánico (el virus del cuerpo) y lo cibernético (viralización en red) convergen, permitiendo otra percepción de la enfermedad y los procesos actuales de comunicación en internet. A través de esa confluencia, aquí referida como poética de contagio, se discutieron temas como el género, las sexualidades disidentes, la abyección, la contaminación, el mundo virtual.

Palabras clave: Michel Laub. VIH/SIDA. Contagio. Literatura.

O TRIBUNAL DA QUINTA-FEIRA

Esta história vai muito além da discussão sobre fidelidade e compromisso. Sobre desejo e indiferença. Sobre público e privado. Porque esta é uma história sobre tudo isso, sem dívida, mas não esqueçamos que acima de tudo é uma história sobre morte. (LAUB, 2016, p.78)

Victor e Walter são amigos de longa data que trocam mensagens diariamente. Uma dinâmica peculiar de comunicação se estabeleceu entre os dois, na qual impera um humor ácido que não poupa quaisquer piadas, mesmo as degradantes e as preconceituosas. Depois que Walter é diagnosticado soropositivo, a comunicação sem escrúpulos atinge outro nível e a temática da doença ‘infecta’ o discurso dos dois. Em meio ao sarcasmo de ambos quanto às oportunidades de passar o vírus HIV adiante, Walter relata seus dias em um clube hipotético conhecendo as mais variadas celebridades falecidas por conta da doença. As piadas grotescas, em certo sentido, camuflam o desespero interior e funcionam ao modo de uma válvula de escape para a ansiedade frente à morte. Entretanto por ser narrado em primeira pessoa por Victor, apenas de canto de olho é possível captar o perigo subentendido na comicidade cáustica de Walter.

O principal ponto levantado pelas críticas e resenhas relativas à obra está no fenômeno do “linchamento virtual” (EDER, 2016; LUCHESE, 2016; MORAES, 2016; PROSPERO, 2018): o momento em que a ex-esposa do narrador-protagonista, Teca, divulga *prints* das mensagens trocadas entre Victor e Walter de forma descontextualizada. Se já eram dotadas de conteúdos de natureza questionável – “inofensivo” no seu reduto –, as mensagens tem seu aspecto problemático potencializado pela desterritorialização do seu local discursivo original. O resultado imediato dessa situação é Victor ser julgado e condenado pelos usuários da rede em um tipo de *cyber* tribunal, elemento comum no mundo virtual contemporâneo, e no qual há uma sobreposição dos poderes executivo, legislativo e judiciário em cada internauta. Obviamente esta é a premissa que procura ser demonstrada por Michel Laub, presente já no título do romance: o de demonstrar como nos contextos de linchamentos virtuais¹, no qual um *post* é capaz de destruir

¹Em paralelo é possível mencionar outro fenômeno contemporâneo, a prática do cancelamento, no qual uma pessoa é “cancelada” por alguma declaração ou comportamento entendido como inadequados e, como forma de punição, os

relacionamentos, carreiras e reputações de forma célere. É emblemático, portanto, que nestes julgamentos os usuários segurem o martelo de uma pretensa justa e de uma moral conservadora protegidos por trás dos biombo fornecidos pela rede. Apesar de suscitar um debate interessante, este não é o ponto de foco deste trabalho.

Analisando-se sob outro prisma, a obra de Michel Laub, para além da crítica às multidões de inquisidores dispostos a opinar sobre a vida alheia na internet, oferece uma potente metáfora viral. Perpassando o tecido textual encontra-se a viralização (das mensagens na web, do vírus no corpo dos personagens) e a segregação (derivada do julgamento virtual e apoiada no estigma do HIV/AIDS) com produtores de feixes de opressão e preconceito, os quais produzem, consequentemente, o linchamento virtual. Importa notar que, como arena pública, o espaço da internet ocupado pelos usuários representaria uma resposta social para/com o doente, marcada pela profusão, tal qual o vírus, de sintomas de marginalização e de violência simbólica.

“O tribunal da quinta-feira” (2016), como os demais livros da trilogia romanesca de Michel Laub, “Diário de queda” (2011) e “A maçã envenenada” (2013), possui um tom confessional cujo principal ponto é a identidade (MORAES, 2016), seja na segunda obra, em que o narrador-personagem rememora sua vida em um diário, mencionando constantemente o pai, que procura tudo lembrar, e o avô, que procura tudo esquecer; seja na terceira, em que o narrador-personagem reflete, diante de avanços e retrocessos no tempo, sobre a influência das decisões sobre o futuro. Diferentemente das demais, “O tribunal da quinta-feira” possui uma carga menos romântica, uma vez que Laub quis dar à AIDS uma dimensão simbólica. O lastro metafórico aplicado à AIDS é o ponto principal da presente pesquisa, visto o raro uso da doença na literatura, devido à sua dificuldade de conter em si o sublime, de tornar-se poética, lírica. Afinal, o que faz com que outras doenças, como a tuberculose e a sífilis, tenham sido secularmente empregadas no campo das metáforas, seja nas artes seja na literatura, e não a AIDS? Que imaginário aterrador envolve essa doença, capaz de gerar mutismo incessante que poucos ousam contestar? Que violências oriundas do imaginário acerca do HIV/AIDS ainda se praticam na contemporaneidade? Ensaíamos o esboço de mapas que podem nos levar a respostas possíveis e novas direções de pesquisa futuras.

A DOENÇA COMO METÁFORA

Quem ama protege é um slogan dos anos 1990, talvez dos 2000 [...]. O primeiro anúncio que lembro sobre o tema parafraseava um poema de Drummond: João amava Maria, que amava José, que amava Pedro, que morreu pesando quarenta quilos no hospital Emílio Ribas. (LAUB, 2016, p.19)

A literatura conta com inúmeras obras que tematizam, direta ou indiretamente, a doença. Basta nos atentarmos aos cânones literários entre os séculos XIX e XX, em que grande parte dos escritores, por sofrerem do mesmo mal, tematizaram a tuberculose e a sífilis de forma poética, romântica, espiritual e melancólica. Virgínia Woolf (2015), por um lado, apontaria para as

usuários da rede boicotam essas pessoas nas redes sociais e colaboram para perda de seguidores, contratos, patrocínios, etc. A grande pergunta ética dessa prática é: quem cancelará os canceladores?

desvantagens de uma abordagem ficcional da doença, em especial uma suposta pobreza da língua, incapaz de traduzir sensações físicas, como o calafrio, o enjoo, a fraqueza. É certa essa afirmação porque, se considerarmos um grande número de obras do cânone ocidental, o leitor encontrará majoritariamente a tradução literária de sensações psicológicas — tais como a felicidade, a tristeza, a paixão, o ódio —, raramente as respostas físicas a uma enfermidade, como sugere Woolf (2015). A partir dessa escassez linguística surge uma intenção psicológica na representação da doença, na qual a concretude das impressões biológicas é transpassada para o mental, o emocional, refletindo não apenas na literatura, mas em todo um pensamento coletivo relacionado às doenças.

A metáfora é a principal figura de linguagem capaz de realizar a associação entre o físico e o emocional, o concreto e o abstrato, o objetivo e o subjetivo, neste caso, a doença e o que ela representa ou como a enfermidade é representada. Nesse sentido, divergindo da perspectiva de Woolf, Susan Sontag (2007) elabora um panorama sócio-histórico em que apresenta a imagética relativa a doenças como a sífilis, a tuberculose e o câncer, traçando semelhanças e diferenças com o imaginário da AIDS. Durante séculos, a tuberculose e a sífilis, por exemplo, atuaram tanto para metaforizar quanto para serem metaforizadas. De acordo com Sontag (2007), uma espécie de “mitologia compensadora” as colocou, respectivamente, como a doença dos intelectuais sensíveis e emocionais, e dos artistas criativos e originais, tornadas sinônimos de genialidade; ao mesmo tempo, foram figuras metafóricas para designar o “Outro”, o estrangeiro, o subdesenvolvido, cuja designação mais propícia para sua inferioridade viria das secreções, dos excrementos, das verrugas e úlceras mais horrendas, que só poderiam culminar na morte.

É perigoso dar sentido a uma doença, uma vez que, invariavelmente, marca uma intenção moralista, mas principalmente porque tal utilização frequentemente demonstra desconhecimento em relação à enfermidade, abrindo espaço para a mistificação e a fantasia. Essa aplicação metafórica não se deu de forma homogênea para todas as doenças, mesmo que grande parte delas preenchessem certos “pré-requisitos” relativos à incompreensão, à facilidade de transmissão, ao mistério e ao perigo que representariam². Sontag (2007) salienta que o câncer, mesmo envolto atemporalmente por uma fantasia de fatalidade inescapável, raramente foi tratado pela poesia, visto sua imagem desonrosa, marcada pelo obscuro, abominável, que só serviria para julgar o Outro, o inimigo berço de todas as doenças.

“O tribunal da quinta-feira”, de Michel Laub, traz à tona uma doença de grande potencial metafórico, a AIDS, mas raramente explorado. Doença que permanece latente no organismo, tal qual o câncer; ligada ao sexo e, por conseguinte, alvo de discursos moralistas, tal qual a sífilis; vista como “resultado dos excessos daquele que não tem força moral para resistir à natureza” (LAUB, 2016, p. 28-29), tal qual a tuberculose. Foi misteriosa e gerou um tipo de terror certamente mais interessante do que todas as demais enfermidades para que pudesse ser retratada pela literatura — embora não seja o que tenha acontecido. Sontag (2007) debruça-se sobre essa contradição: o que diferencia a AIDS de outras doenças já tão disseminadas no meio linguístico?

A visão qualificativa de promiscuidade e de perversidade, resultado de excessos e exceções sexuais no julgamento social, passaria despercebida à sífilis, mesmo que esta tenha uma origem semelhante ao HIV/AIDS. Com outra sorte, o mal físico projetou uma aura de “genialidade” aos seus portadores (SONTAG, 2007). A diferença entre as duas afecções

² De forma semelhante, a atual pandemia em processo de coronavírus (o vírus Sars-CoV-2 e a doença derivada, a covid-19) tem causado profundo temor pelo aumento da incidência epidemiológica, mas também pelo aumento da incidência na mentalidade social: a desinformação facilita a disseminação de notícias falsas, gerando comoção generalizada, mistificação e mistério.

sexualmente transmissíveis está na relação homoafetiva/homoerótica ser historicamente considerada desviante, antinatural, pelas categorias morais da Igreja, da pedagogia, da economia e do direito, reunidas, na contemporaneidade, em um domínio médico-psicológico³. Nesse sentido, foi a associação direta entre AIDS e homossexualidade, nos princípios da década de 1980, que provocou uma vontade social de aprofundar a negação da legitimidade desta, a ponto de as escassas intenções metafóricas da doença se voltarem quase que unicamente para a depreciação da figura do homossexual, a AIDS enquanto “câncer” ou “peste” gay. Com relação a qualquer outro uso metafórico, poucos se sujeitaram ao seu uso, negando uma atenção que, de acordo com a visão construída, uma doença ligada à homossexualidade jamais mereceria, nem para nomeação dos piores inimigos.

A POÉTICA DO TRAUMA

Lauro Corona morreu em 1989. Freddie Mercury morreu em 1991. Em pleno Vietnã da Geração Seguinte, ficou difícil não pensar neste jogo estatístico – a porcentagem de material orgânico que pode passar por um furo na camisinha, as chances de alguém levantar e ir até a pia lavar uma superfície do próprio corpo lacerada por um ato que pode ser esquecido em duas horas ou nunca mais. (LAUB, 2016, p.14)

A obra de Laub contextualiza e presentifica o contexto de uma peste⁴ aparentemente superada, cujo trauma, apesar de atenuado, ainda ressoa em variados momentos da narrativa, demonstrando uma herança provocada não diretamente pelo HIV/ AIDS, mas pela manipulação da perspectiva social perante a doença. O pânico generalizado que marca sua eclosão, na década de 1980, foi produzido, principalmente, pelo *mass media*, ao propagar imagens sensacionalistas de pacientes aidéticos⁵/soropositivos. Nestor Perlongher (1987) destaca que nádegas corroídas, rostos desfigurados, corpos esqueléticos e repletos de manchas eram exemplos comuns da imagética terrorista presente no período, contribuindo para uma histeria coletiva que excluía e marginalizava aqueles considerados pertencentes ao suposto “grupo de risco”⁶ — sobretudo, os homossexuais, os drogados e as mulheres “liberadas”. A poética do contágio, sobre a qual pretendemos nos debruçar em “O tribunal da quinta-feira”, está situada nesse contexto: a disseminação viral, tal qual a doença, de sintomas de preconceito e violência simbólica

³Conceito criado por Michel Foucault, referindo-se a um domínio médico-psicológico das “perversões”, que tomaria o lugar das velhas categorias morais de repressão do sexo, instituídas desde o século XIV, pela penitência do cristianismo medieval, perpassando atualizações que culminaram nessa nova tecnologia do sexo. O domínio médico-psicológico implica a ideia de um “instinto” sexual anormal e desviante que deve ser desconstruído em vista de uma “normalidade”. A noção de morte e castigo eterno, instituída pela Igreja, é transferida para a questão da vida e da doença. Cf. FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. Edições Graal, 1988.

⁴ O conceito de peste é tomado aqui de uma forma ampla – não aludindo apenas aos contextos com o da Peste Negra – para se remeter a qualquer doença de grande impacto e propagação no imaginário social, funcionando o termo como chave de leitura para diversas doenças e contextos de epidemia/pandemia.

⁵ O adjetivo “aidético” tem sido visto como carregado de valores negativos e estigmatizados, sendo empregado de forma pejorativa tanto aos que desenvolvem quanto aos que não apresentam a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida. Preferimos incluir essa palavra aqui para sinalizar que fazia parte do contexto vocabular dos anos 1980, pois o termo soropositivo apenas passou a ser utilizado com o desenvolvimento dos tratamentos antirretrovirais.

⁶ À época, o grupo de risco foi construído com base nos 5H: Homossexuais, Heroinômanos, Hemofílicos, Haitianos e Prostitutas/Profissionais do sexo. A própria construção desse grupo permite uma leitura acerca do racismo, do machismo, do colonialismo e da homofobia.

direcionada a supostos portadores “naturais” da doença, na década de 1980, é transposta para a atualidade, em que metáforas de virologia e informática se intercambiam, tendo-se os *e-mails* entre Victor, o protagonista, e Walter, seu melhor amigo, vazados e viralizados na *internet*. O conteúdo das mensagens, em grande parte metaforizando a AIDS de forma satírica, é encarado pela “comunidade virtual leitora” como algo de mau-gosto e julgadas criminosas⁷, produzindo um linchamento virtual dos usuários em relação a Victor.

O núcleo memorialístico da obra é uma busca incessante pelas portas de contágio e de transmissão, pois Victor rememora a história pregressa do desejo e da vida sexual em busca do contato zero, o “erro primário” que o teria transformado⁸. Esses constantes conflitos internos da personagem trazem à tona as heranças do trauma da AIDS, como a culpabilização do paciente, a individualização e a estigmatização do Outro, problematizados por Sontag (2007); a moralização e a confissão, abordadas por Michel Foucault (1988), produzindo a figura do monstro, do ser-abjeto, trabalhadas, respectivamente, por Jeffrey Jerome Cohen (2000), por Perlongher (1987) e Richard Miskolci (2012). Por sua vez, tais figurações das doenças são indissociáveis de um sistema heteronormativo que se vale do regime da heterossexualidade compulsória denominada por Adrienne Rich (2012), do biopoder de Foucault (1988) e da instituição médico-judiciária explorada pelo filósofo (Foucault, 2001). Os termos aqui citados foram imprescindíveis para a compreensão estética e política do microcosmo da narrativa de Laub, como também do macrocosmo das relações de poder entre os corpos e suas identidades — gênero, sexualidade e desejo —, que permearam a eclosão da AIDS e se mantém na contemporaneidade.

A FRONTEIRA ENTRE NORMAIS E ANORMAIS

*Fixo o relato dos detalhes sobre a mulher mongol, o entusiasmo que era um pouco de alívio porque eu não esperava que fosse tão, assim, **natural**. Uma dúzia de estocadas, e a partir da terceira a borracha estoura e eu me torno outra pessoa, uma biografia contada em atos de bravura tão naturalmente masculinos que excluía medo e dívida, até que vieram os dias seguintes. (LAUB, 2016, p.14, grifo do autor)*

A visão generalista da AIDS enquanto inerente aos homossexuais⁹, vistos como depravados sexualmente, advém da visão da homossexualidade não como a doença em si, devido

⁷ O conteúdo é julgado criminoso uma vez que sugere a disseminação intencional da doença, remetendo-se à prática dos “carimbadores”, grupos que propositalmente transmitem o vírus aos parceiros sexuais sem consentimento e conhecimento destes.

⁸ Há uma interessante confluência entre monstrosidade e doença que merece ser destacada. No imaginário social é muito poderosa a ideia do sangue como elemento simbólico – símbolo da vida e da morte, também de amor. Nos mitos, ao tornar-se símbolo da vida – e sua fonte – é apropriado pelas lendas vampíricas: a fim de garantir a imortalidade, os monstros se alimentam do plasma sanguíneo. Na simbologia metafórica dos monstros, a transmissão ou multiplicação dos monstros se dá por contágio, nunca por reprodução sexual. É pela mordida do lobisomem, do vampiro, do zumbi que é possível uma transformação em doente/monstro. Há secreções, saliva e sangue contaminados. Logo, uma doença, tal como a AIDS, que pode ser transmitida pelo sangue é interpretada como bastante assustadora, e, sobretudo porque produz contaminação pelo ato associado à reprodução sexual, o sexo, o que é um passo a mais na mitologia monstruosa.

⁹ Cabe enfatizar que no contexto de eclosão da epidemia/pandemia de HIV, o foco principal em torno da propagação da doença eram os homossexuais, ou melhor, homens que praticavam relações sexuais homoafetivas. Havia, obviamente, um temor por parte dos homens (dentro do armário ou praticantes de relações homoafetivas que não se consideravam gays) de que algum vínculo fosse estabelecido entre o vírus e suas práticas sexuais. O negacionismo em torno da infecção, portanto,

à própria existência, como considerado até a década de 1970¹⁰, mas como propensa a esta, de acordo com uma suposta conduta perigosa. Desconsiderar a homossexualidade enquanto a própria doença, “tolerá-la”, no campo da diversidade¹¹, implica modelá-la de acordo com a “normalidade”, em que pressupostos heteronormativos são incorporados na vestimenta, no ideal do matrimônio, da família, dos filhos. Esse controle dos homossexuais e seus corpos, como já havia sugerido Foucault (1988), aos quais são estabelecidos usos “corretos”, é reforçado pelo dispositivo da AIDS, o que torna o homossexual não uma mera figura estatutária, como o classifica Perlongher (1987), mas deposita sobre ele e demais minorias a imagem da abjeção.

O abjeto não é simplesmente o poluidor ou o impuro, tal qual se encara o indivíduo situado em um grupo de risco, é, além disso, uma perturbação. O abjeto abala um sistema ou uma ordem, e o poder, em resposta, incita dois movimentos aparentemente contrários: o de integração e o de segregação. A palavra “abjeção” retoma o segundo gesto, como afirma Miskolci (2012), no qual a coletividade nega espaço àqueles considerados uma “ameaça” ao sistema, sendo desprezados, excluídos, marginalizados. Facilmente associada à sexualidade, a abjeção foi intensificada e disseminada, durante a epidemia/pandemia da AIDS, sobre aqueles cujas identificações e práticas sexuais fossem consideradas ilegítimas, colocando a moralidade em estreita relação com o potencial de contaminação¹². Na obra de Laub, a relação abjeção-doença se verifica na narração de Victor sobre a perda de sua virgindade com uma prostituta: o prostíbulo, espaço de seres-abjetos, e o ato sexual, são repetidamente retomados pelo narrador, com repulsa e medo de que ali tenha sido a origem da contaminação com o vírus HIV.

Conforme Foucault (1988), o controle de indivíduos com comportamentos divergentes exige que os múltiplos dispositivos de poder os incorporem; no entanto, que, ao mesmo tempo, os exclua, situando-os enquanto “diferentes” do grupo, e, portanto, perigosos. Esse movimento concomitante de inclusão e exclusão é o que mantém a ordem social, uma vez que incorporar-se o abjeto ao poder objetiva não somente compreendê-lo, estudá-lo, para, por fim, moldá-lo, mas também, por meio do controle deste, estabelecer uma “linha de abjeção” (MISKOLCI, 2012, p.25), na qual os aceitos, considerados “normais”, são igualmente moldados sob uma visão de mundo comum que mantém as regras sociais: a da existência, para além das fronteiras, daquilo que Cohen (2000) designa como monstruosidades.

estaria baseado enormemente no horror da revelação pública de uma identidade sexual secreta – algo possivelmente considerado pior que a morte.

¹⁰ Até o ano de 1974, a APA (American Psychological Association) situava a homossexualidade enquanto doença mental, delimitada por uma conduta e um vocabulário médico que exigia a confissão detalhada das relações sexuais, consideradas irregulares. Na tentativa de definição das “causas” da homossexualidade por distintos ramos do saber e do poder, a prevenção da “doença” transformava-se em repreensão: a insistência em moldar e controlar os corpos configurava o exercício do biopoder, conceito denominado por Foucault (1988). Cf. PERLONGHER, Nestor. *O que é AIDS?* São Paulo: Brasiliense, 1987.

¹¹ Miskolci (2012) separa os conceitos de “diversidade” e de “diferença”, fixando a diversidade na ideia da tolerância, da convivência com aquele considerado diferente de nós, com quem não nos misturamos; já a diferença implica a noção do reconhecimento como forma de transformação social, percebendo o outro e nossa implicação a ele, identificando-o como parte de nós mesmos. Cf. MISKOLCI, Richard. *Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças*. Belo Horizonte: Autêntica Editora/UFPO, 2012.

¹² Voltado à histeria e ao sensacionalismo, o imaginário social foi moldado por inúmeros focos de poder, tais quais a mídia, a religião, a escola e o Estado, a favor da exploração moralista. A utilização da doença para tais propósitos não seria viável unicamente pela ideia do surgimento de uma nova epidemia, senão pela sua transmissão ser associada mais comumente ao ato sexual. O sexo foi, portanto, elemento insistentemente retomado pelos discursos de poder, valendo-se de uma roupagem repressiva, a fim de controlar e de incorporar as sexualidades insubmissas ao sistema heteronormativo — economicamente útil e politicamente conservador. Cf. FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. Edições Graal, 1988.

DO OUTRO LADO DA LINHA: O INDIVÍDUO EM GRUPO DE RISCO, O ABJETO E O MONSTRO

O mundo é tão maior que isso aqui. E você tem tão pouco tempo, meu bem, por mais que tente negar. Nós nascemos condenados a isso. Não pense que você vai escapar. Não pense que o seu futuro também não é uma cama de hospital, o travesti disse para Walter, então deixa eu oferecer o cardápio para quando esse dia chegar. (LAUB, 2016, p.63)

Em “O tribunal da quinta-feira”, Walter é uma personagem que se encontraria do lado menosprezado da linha de abjeção, sendo visto enquanto um monstro. A prostituta do prostíbulo e a travesti de Bariri, também estariam presentes; esta última, logo ao lado de Walter, o qual presenciou, na infância, sua violenta agressão por um grupo de colegas. Teca, ex-esposa de Victor, junto a Dani, a redatora-júnior com a qual Victor traiu Teca, também se convertidas em monstros, acompanhariam os demais, mas situadas do outro da linha simbólica, por serem figuras heterossexuais (i.e., normais). Mas, afinal, o que tornaria todos esses indivíduos monstros e não meras “comunidades de risco”? Estes, enquanto seres-abjetos, são considerados imediatamente monstros? Compreender a significância do monstro e seu papel político permite compará-lo às demais categorias que, apesar dos contrastes, não se dissociam e encontram-se em estreita relação; ao mesmo tempo, possibilita assimilar a finalidade das dinâmicas de exclusão e de integração efetuadas pelo poder.

Os indivíduos situados em grupos de risco e os seres considerados abjetos diferenciam-se pela perturbação que o segundo provoca sobre o sistema; no entanto, um abjeto pode situar-se em um grupo de risco, basta atentarmos à figura do homossexual no contexto da epidemia da AIDS. Este é enquadrado na coletividade dos considerados “poluídos” e a essa poluição o discurso social atribui a imoralidade que, por sua vez, seria a “causa primária” da doença. A associação entre poluição e perversidade, por parte do poder, torna o homossexual não apenas membro de uma comunidade de risco, já considerada perigosa, mas elemento desestabilizador da ordem, uma vez que não apenas transgride os limites do considerado “natural”, a heteronormatividade, como também, através desse ato, propaga doenças e é considerado um tipo específico de agressor.

O elemento imoral associado especificamente ao homossexual está na prática sexual considerada “antinatural” e, por isso, cabe sublinhar que, de acordo com Foucault (2001), a definição elementar de monstro baseia-se na noção de contra natureza. O homossexual, enquanto abjeto, situa-se como contaminador em potencial da doença, não sendo propriamente doente por sua mera existência, como afirmado até o início da década de 1970. Desconsiderar a homossexualidade enquanto uma enfermidade em si, deixando de colocar estes elementos como equivalentes, mas associando-os, com suas respectivas significâncias, no sentido de um potencial de contaminação, é o que permite associar o homossexual à figura retórica do monstro. Conforme Foucault (2001), a transgressão do limite natural deve questionar a lei civil ou divina, algo que a doença não exerce; o homossexual, ao contrário, perante o direito canônico, faz com que este não consiga funcionar, o que leva ao questionamento — e ameaça — dos próprios fundamentos e práticas. A ameaça monstruosa só torna-se possível ao associar estes dois termos,

a combinação entre abalo e transgressão da ordem natural, executados, respectivamente, pela doença (provocada pelo HIV) e pela homossexualidade (tido como doença e prática perversa).

O monstro é necessariamente um ser abjeto, é produto das diretrizes do poder sobre este. O poder promove a inclusão do abjeto para compreendê-lo e controlá-lo, dando-lhe a sensação de integração; ao mesmo tempo, o enquadra em um espaço marginal, enquanto monstruosidade, ao lado dos excluídos. Indivíduos em grupos de risco também podem ser monstros, na medida em que são taxados segundo uma monstruosidade de conduta¹³, condenados, mais uma vez, de acordo com princípios de moralidade. Fica evidente que o indivíduo em grupo de risco, o abjeto e o monstro são figuras que se mesclam e se sobrepõem, não havendo uma delimitação precisa e, sim, o entendimento de uma interdependência entre esses e suas ligações estreitas com o poder.

UMA IMAGINADA PESTE GAY

*Durante dois segundos no Centro Acadêmico, antes de Walter rir e se afastar delicadamente, e eu rir também enquanto ele dizia, desculpe, você sabe que é um problema tomar café e emendar com cerveja e cachaça aqui sozinho com você, e eu elaborar o que havia ocorrido usando palavras neutras, como **instinto e surpresa** — antes disso talvez fosse mais exato dizer que senti um pouco de repulsa. Em que medida essa repulsa involuntária ao que meu amigo fez pode se tornar uma repulsa sistemática ao que meu amigo é? (LAUB, 2016, p. 59, grifo do autor)*

Quando Walter relata a Victor seu diagnóstico, este não parece muito surpreso, afinal, Walter sempre viveu uma vida de excessos: drogas, bebida e sexo eram elementos comuns mencionados em seus *e-mails* diários para Victor. Não seriam as drogas o foco das divagações do protagonista, mas as relações sexuais do amigo gay e percebemos, aos poucos, que persiste em Victor a ideia de que a doença de Walter esteve ligada essencialmente à homossexualidade dele. Essa concepção é evidenciada por Sontag, em “Doença como metáfora” (2007), ao comparar a AIDS ao câncer, que, apesar das diversas metáforas em comum, seriam encarados de formas diferentes: o câncer, sob uma avaliação moderna, traria a noção de uma doença provocada pelos hábitos do indivíduo; a AIDS, por sua vez, seria avaliada segundo pressupostos pré-modernos, de doenças como a sífilis e a lepra, em que a doença seria oriunda do indivíduo “enquanto tal e enquanto membro de algum ‘grupo de risco’”. (SONTAG, 2007, p. 114).

O conceito de “grupo de risco” traz uma ideia arcaica relacionada à poluição, à sujeira que certa comunidade representaria, destinada à condenação, como reflete Sontag. O termo “grupo” nos remete a um conjunto homogêneo que constitui unidade; a autora, no entanto, nos apresenta a seguinte afirmação: “A AIDS não apenas tem o efeito infeliz de reforçar a visão moralista da

¹³Foucault (2001) argumenta que até meados do século XVIII, a monstruosidade era vista enquanto fruto de efeitos da natureza, sendo a monstruosidade em si mesma criminoso. A partir do fim do século XVIII e início do século XIX, a monstruosidade passa a ser atribuída ao comportamento, não mais julgada de acordo com o princípio jurídico-natural, mas jurídico-moral. Por isso podemos chegar à conclusão, por analogia ao pensamento de Foucault, de que o homossexual é um monstro moral no contexto da epidemia da AIDS e, por isso, julgado conforme supostos atos depravados e imorais, não sua mera existência.

sexualidade, como também fortalece ainda mais a cultura do interesse próprio, o ‘individualismo’” (SONTAG, 2007, p.135). Compreendemos a AIDS, portanto, enquanto uma doença na qual coexistem a diferença e a semelhança: a reação para/com o doente de exclusão, de segmentação, de distanciamento caracteriza a individualização daqueles “de fora”, enquanto a perda de identidade, de singularidade, qualifica a indistinção daqueles “de dentro”. É curioso pensar que, apesar da homogeneidade que configura o “grupo de risco”, a culpabilização do paciente¹⁴, uma prática moderna, ainda persiste com a incitação individualista do auto-julgamento e da auto-traição, fazendo com que, mesmo que membro de determinado grupo, cada sujeito sinta-se individualmente responsabilizado por sua doença.

Em “O tribunal da quinta-feira”, a divulgação das mensagens compartilhadas entre Victor e Walter marca o primeiro momento da doença, antecedente ao diagnóstico do protagonista, em que a viralização virtual metaforiza a viralização biológica de Victor e/ou é contaminada por ela. O protagonista exerce a individualização reagindo conforme um paciente que se auto-culpabiliza, acreditando viver a punição por trair a esposa com a redatora-júnior da empresa. As mensagens entre os amigos variam entre representações debochadas quanto à AIDS, em que Walter narra suas idas à imaginária sauna Moustache’s, com a presença de personalidades famosas vítimas da doença, e entre situações hipotéticas nas quais Victor ridiculariza a esposa e a amante, brincando com a possibilidade de transmissão da doença para elas, mesmo sem nem saber que, de fato, já as havia infectado. As mensagens são vazadas na *web* e geram ódio e indignação por conta dos usuários, que comentam e compartilham o conteúdo até chegar ao maior número de pessoas, processo que se assemelha a uma infecção viral. Nesse âmbito, pode-se dizer que a morte social de Victor acaba por preceder sua morte física¹⁵, uma vez que a imagem como esposo, profissional e cidadão é destruída, colocando-o, além de traidor e de abusador, enquanto um criminoso, disposto a transmitir sua doença para os outros, um verdadeiro perigo para a sociedade.

Em um segundo momento, após ser diagnosticado com HIV, Victor exerce a individualização culpabilizando o “Outro”, afinal, ele não se encaixa em qualquer estereótipo de sujeito perigoso. Branco, heterossexual, classe média alta, católico, Victor, nessa situação, não questiona a própria conduta; pelo contrário, procura a origem da enfermidade em outras figuras: na prostituta “mongol”¹⁶ com quem perdeu a virgindade em um prostíbulo; na ex-esposa, que desafia sua posição de poder ao vazar mensagens incriminatórias, e que, por sua vez, só poderia ter contraído de Walter, o melhor amigo homossexual, em algum tipo de desliz que teria ocorrido entre os dois. Temos aí a mulher liberada e o homossexual, figuras de separação e de exílio, tal qual o doente, enquanto supostos transmissores, afinal, estes seriam portadores “naturais” de enfermidades¹⁷.

Ficam evidentes duas percepções contrastantes na obra: a do auto-julgamento, em menor medida, em que há a atribuição da doença às próprias ações passadas, vistas como

¹⁴ Sontag (2007) aponta para o fato de que, nas doenças em torno das quais se concentraram as fantasias modernas, como a tuberculose, o câncer e a AIDS, o julgamento tende a recair no indivíduo e não na sociedade. Estas permanecem sendo vistas como uma forma de auto-traição, do “preço que se paga” pela irresponsabilidade, pela delinquência, pelo vício em substâncias ilegais ou pela sexualidade “divergente”.

¹⁵ No estudo de Sontag (2007), a pensadora argumenta que a AIDS leva as pessoas a serem consideradas doentes antes de adoecerem, levando todos a uma espécie de morte social que precede a morte física.

¹⁶ “Mongol”, neste contexto, é utilizado como um adjetivo pejorativo. Para além da objetificação da prostituta, tratada como um receptáculo para penetração masculina, sua caracterização se dá conforme julgamentos sentenciosos com o propósito de rebaixá-la. Mongol parte de um reducionismo da palavra mongoloide, vocábulo empregado para descrever preconceituosamente pessoas com Síndrome de Down, também interpretada como idiotia.

¹⁷ Vale lembrar que no contexto da Segunda Guerra Mundial, alemães nazistas pregavam o discurso de que judeus eram portadores “naturais” de doenças, como o tifo e o piolho, justificando a necessidade de isolá-los em campos de concentração. Com gays contaminados por HIV na década de 1980 aventou-se a mesma hipótese.

potencialmente perigosas ou inconsequentes; e a da auto-isenção, em maior grau, por meio da qual se culpabiliza o Outro. Essas contradições pertencem à vida de uma personagem que, apesar de não se enquadrar em um “grupo de risco”, acaba por ser atingido pelo discurso da moralidade¹⁸, que condena a promiscuidade¹⁹ e situa a doença enquanto sua respectiva punição moral. Essa noção, que permite que Victor culpabilize a si, advém da ideia romântica de que o caráter do paciente causa a doença, retomando pressupostos religiosos de que o castigo condiz com o pecador, como aponta Sontag (2007). A doença seria, portanto, a expressão do caráter, e, quanto a isso, Victor não poderia questionar: sua insensibilidade e indiferença com relação à esposa, bem como suas fantasias de objetificação, dominação e violência sobre uma funcionária de vinte anos de idade eram inquestionáveis.

SANGUE, REPULSA E DISPARIDADE

Autora do post: pessoa de quem nunca ouvi falar. Trecho: O ódio a quem não é homem — seja na forma de simples objetificação, ou de abuso, ou de agressão, ou de estupro — parece sempre natural [...]. Ninguém questiona o lugar de onde são determinadas essas Relações de Poder, porque elas não aparecem como Relações de Poder, e sim como Relações Consensuais. (LAUB, 2016, p. 104, grifo do autor)

O monstro e, portanto, também o abjeto, é definido como o “Outro”, aquele situado na extremidade oposta da linha, proveniente de outro território, de forma literal ou metafórica. É aquele do qual queremos nos isentar de qualquer semelhança e, se possível, culpabilizá-lo — como um bode expiatório — por quaisquer males do mundo. Ele é o inferior, o subdesenvolvido, o bárbaro, o perigoso, cujos quaisquer sinais de existência nos provocam repulsa. Não nos enganemos em pensar que não convivem entre nós: simplesmente naturalizamos sua condição sob o princípio de que “as coisas sempre foram assim”.

A primeira imagem que nos remete à existência do monstro são os excrementos, e as obras cinematográficas de horror não medem esforços para empregá-los: os monstros exalam saliva, sangue, vômito, suor e lágrimas, tudo para provocar a repulsa do espectador. No ambiente

¹⁸ De acordo com Foucault (2001), as categorias elementares da moralidade efetuam a junção do saber médico e do saber judiciário, constituindo a instituição médico-legal. Esta vem se distribuir em torno da noção da perversidade e do perigo social ao reativar um discurso “pai-filho”, comandado pelo medo e pela moralização sobre o indivíduo perigoso. Trata-se de um tribunal da perversidade e do perigo, não do crime; no contexto da obra de Laub, o tribunal metafórico apresentado condena Victor, nem exatamente um doente nem propriamente um criminoso, de acordo com sua conduta imoral que supostamente o levou a contrair a doença. De acordo com essa noção, sua perversão o condenou à doença, tornando-o uma ameaça à sociedade.

¹⁹ No âmbito da heterossexualidade, o casamento é uma instituição legítima, reconhecida pela lei civil e pela lei religiosa, e que garante a manutenção da monogamia. A promiscuidade, em certo sentido, é direcionada aos que teriam múltiplos parceiros, entendidos como “alta rotatividade”. Ora, à comunidade homossexual e LGBTQIA+ de um modo geral, o casamento não é reconhecido — nem pelo mundo civil, nem pelo mundo religioso. Não reconhecidos como possíveis portadores do distintivo da monogamia, seriam “naturalmente” promíscuos, não monogâmicos. Importante notar que o conceito de promiscuidade também é bem distinto no mundo heterossexual, sendo este mais flexível para os homens, autorizados a terem inúmeras parceiras, restando às mulheres, vitimadas pela ordem machista, terem o menor número de parceiros possível.

controlado da sala de cinema pode parecer uma experiência interessante, no entanto, essas imagens, por si abjetas, são mais uma forma de reforçar a subjugação do Outro. A mulher, cuja monstrosidade²⁰, segundo Barbara Creed (1993), esteve associada às categorias excremental e menstrual, foi secularmente sujeita a relações de dominação de acordo com interpretações de seus resíduos corporais. Conforme Liv Strömquist (2018) foi a concepção biológica, com heranças religiosas que remontam períodos precedentes ao Iluminismo, que permeou o discurso das relações de poder entre os sexos²¹, buscando justificar visíveis disparidades sociais, políticas e econômicas com base na ideia de “impureza”, de “poluição” que representaria, por exemplo, a menstruação.

Se, no passado, tínhamos a Igreja enquanto instituição fundamental no contexto de subjugação das mulheres, configurando-as enquanto a “antítese do divino” (STRÖMQUIST, 2018, p.13), hoje, como explicita Adrienne Rich (2012), diversas instituições trabalham nesse sentido, tais como a família nuclear, a maternidade em contexto patriarcal, a exploração econômica, todas envoltas pelo ideal da heterossexualidade compulsória. Esta coloca a heterossexualidade não como opção, mas obrigação, algo “natural” da sociedade, atingindo não apenas membros da comunidade LGBTQIA+, mas todos aqueles que não se enquadram no contexto da heteronormatividade. Nesse sentido, mulheres, independentemente de suas orientações sexuais, são subjugadas de acordo com pressupostos de gênero – fundados no modelo heterossexual, familiar e reprodutivo –, e quaisquer atos de insubordinação perante tais padrões seriam encarados enquanto ameaça à família, à religião, ao Estado (RICH, 2012).

De acordo com um esquema de segregação de gênero, mulheres ocupam posição inferior no trabalho, algo que, segundo Susan MacKinnon (1979 apud RICH, 2012), remete à própria sexualização da mulher: erotiza-se sua subordinação econômica, valendo-se disso no âmbito sexual, o que torna o assédio “tolerável” no ambiente de trabalho. Essa configuração explica, em grande parte, a frequência de intercursos sexuais entre desiguais econômicos, em especial, desiguais físicos, nos quais um homem mais velho, como Victor, valendo-se de seu posto enquanto redator-chefe, sente-se confortável em tirar vantagem com a redatora-júnior, Dani. Esta compreende, estando em posição inferior, a necessidade de manter-se de acordo com comportamentos heterossexuais indicativos de feminilidade, de delicadeza e de complacência, percebendo a si mesma enquanto uma presa sexual nesse ambiente.

O narrador de Laub ironiza: “Vinte anos de idade, e mais uma vítima de uma questão que não será combatida a não ser que a Dani de 2016 faça um favor às Danis de 2020, 2030, 2594, libertando-se dos Josés Victors de todos os tempos e lugares” (LAUB, 2016, p.102). Dani não se liberta. Aliás, Laub não a permite se libertar, construindo uma personagem aparentemente decidida de que possui atração por seu chefe, segundo o autor, uma “mulher possível”, porque ele a inventou, uma espécie de “provocação” (MORAES, 2016). Tornar algo possível em uma

²⁰ Para além das imagens da abjeção que marcam a noção da mulher enquanto monstro, há também a noção dessa enquanto o “Outro”. Para Simone de Beauvoir, partindo-se do pressuposto de que o “sujeito” é sempre masculino, este diferencia-se de um “Outro” feminino, que não se encaixa nas normas universalizantes que constituem a condição de pessoa; Luce Irigaray, por sua vez, aponta para a impossibilidade do feminino enquanto a marca de um sujeito: este não é uma “falta” nem um “Outro”, o negativo em relação ao masculino, o sexo feminino não se sujeita às exigências de representação. Cf. BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 6 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

²¹ Mesmo em períodos milenares antecedentes à marca do Iluminismo, em que a concepção recai em uma igualdade entre os corpos do homem e da mulher, persistiu a noção de uma inferioridade da estrutura anatômica desta, considerada uma versão “menos perfeita” do que a daquele. Por volta dos anos 1800, com a ascensão do Iluminismo, busca-se, por sua vez, diferenciar o homem da mulher de acordo pressupostos fundamentalmente biológicos, visto o enfraquecimento do poderio da Igreja. Cf. STRÖMQUIST, Liv. **A origem do mundo: uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado**. Tradução Kristin Lie Garrubo. São Paulo: Quadrinhos na Cia, 2018.

ficção implica uma mensagem para a realidade, nesse caso, a de uma mulher que possuiria consciência da relação de dominação a que está submetida e, mesmo assim, a aceita. Esse consentimento contraditório poderia ser algo além de uma construção social internalizada? Quais as implicações dessa “provocação”, desse tipo de representação ficcional de uma personagem feminina? O que Laub parece querer transmitir é uma personagem “desconstruída” que, a despeito das tantas possibilidades de denúncia em relação ao assédio ou opressão enumeradas por Victor, decide ficar com ele, demitir-se do primeiro emprego, não se importar com a opinião alheia, um comportamento marcado enquanto “desinibido” e “maduro”.

É interessante salientar também a posição do protagonista masculino em relação às personagens femininas, uma vez que a perspectiva se dá por meio deste, cujo pensamento crítico reconhece a relação de poder com a amante e a indiferença em relação à esposa, não possuindo qualquer desconhecimento quanto à implicância de seus atos. Victor decide, contudo, autojustificar-se por meio de um relacionamento fadado ao fracasso e por uma pretensa maturidade de uma funcionária vinte e três anos mais jovem. O personagem principal possui repertório e conhecimento para encarar sua situação privilegiada em uma sociedade patriarcal, branca e burguesa, e o faz com ironia, se autodefinindo como “um privilegiado do pênis que desde muito cedo colheu os devidos e respectivos privilégios”. (LAUB, 2016, p.56) ou ainda “[...] um homem branco, de orientação afetiva patriarcal, com humor baseado na depreciação e objetificação de grupos discriminados ao longo dos séculos e milênios” (LAUB, 2016, p. 158); acaba, no entanto, por não desconstruir os abusos e as subjugações do Outro, valendo-se destes conscientemente no projeto literário apresentado.

A POÉTICA DO CONTÁGIO

*A medicina corrigiu o tempo médio entre a contaminação e os sintomas da a-i-de-esse de dois para cinco anos, depois oito, dez e indefinidamente, a eternidade após a ida ao puteiro na praça da República e após cada outro, como se diz, **contato íntimo** que tive. (LAUB, 2016, p.16, grifo do autor)*

Foucault (1988) declara que o sexo, hoje, é de fato transpassado pelo instinto de morte. Essa visão retoma o passado de epidemias como a sífilis e a AIDS, nas quais o sexo adquiriu conotações morais que conjugariam a doença e seu destino final, a morte, enquanto um castigo, uma punição pelo ato impensado. De acordo com Sontag (2007), sob o prisma religioso, o pecado da sífilis estaria no excesso; da AIDS, colada a uma prática sequer considerada natural, a homossexualidade, o pecado estaria centralizado no ato perverso. A perversidade, essa espécie de poluição contaminadora, é intrínseca ao Outro que, no âmbito abordado no presente artigo, configura os dissidentes de uma economia patriarcal, heterossexual, reprodutiva e familiar, e é sob esse prisma que Victor busca por um culpado. Ele, com exceção de não ter filhos, respeita todas as categorias impostas, mas que dirá sua esposa? Seu melhor amigo, por sinal, homossexual? Ou as outras tantas namoradas do passado? Ainda mais fundo, na história progressa do desejo, a prostituta de quem recorreu serviços?

A ida ao prostíbulo da praça da República seria apenas o início de uma imensa teia em que, embaralhada às “hipóteses” Alice, Adriana, Giovana, Carolina, Ana Paula e Simone, encontra-se também a hipótese da esposa, Teca, nela emaranhados o colega de colégio, o

designer de móveis, o acordeonista e até mesmo Walter, o melhor amigo de Victor, e suas tantas outras ramificações de Edson, Nuno, Paulo, João Guilherme e o tal sujeito do Rio de Janeiro. Se teria sido a ida ao prostíbulo com os amigos, nos anos 1980, ou o contato de Walter com o sujeito do Rio e depois com Teca, ou ainda qualquer uma das antigas namoradas, em meio a uma teia infinita, do início ao fim da obra, não importa o quanto procure destrinchar, Victor jamais encontrará o contato zero.

A busca pelo “erro primário” não diz respeito somente a uma dúvida interna do protagonista, uma recusa em assumir responsabilidades. Victor, de forma inconsciente, procura um culpado pelo “fim” de sua vida. Uma morte que não decorre da falência dos órgãos, do agravamento de doenças oportunistas, de herpes zóster, de pneumonia, de perda de audição. Em um contexto de avanços no tratamento da doença, bem como de disseminação de informação nas redes, sua morte é social: a perda do cargo como redator-chefe, a imagem de criminoso, de traidor, de assediador não será esquecida, marcada pelo “presente eterno das caixas virtuais” (LAUB, 2016, p.29). O vazamento e a viralização das mensagens, o julgamento por parte dos usuários e o consequente linchamento virtual trata-se de uma metáfora viral a qual Sontag (2007) tanto salienta ser escassa na literatura. Pensando na sífilis, na tuberculose e no câncer, doenças envoltas pelo simbólico da desmaterialização e da degeneração, dos sólidos ou dos líquidos, da lascividade ou da castidade, em contraposição à escassa exploração das potencialidades metafóricas da AIDS, é extremamente significativa a poética do contágio orquestrada por Laub: a palavra “viralização” atinge conotações metafóricas tanto de uma disseminação biológica, no interior do corpo, com o consequente aparecimento de sintomas físicos, quanto de uma disseminação comportamental da sociedade, sob os sintomas de preconceito e de violência cometida contra pessoas que vivem com HIV.

O engendramento de parasitas, sua estruturação, sua segregação e consequente consumação do corpo são processos que contém em si o sublime – explorado a partir da beleza aterradora da natureza da enfermidade. Nessa discussão, é constante o questionamento do por que a AIDS não é utilizada como metáfora, como o foi a tuberculose e a sífilis. Mas por que o haveria de ser como elas? Seria o secular embelezamento do mórbido a única funcionalidade da metáfora? A obra de Laub nos traz como resposta uma quebra dessa visão, a demonstração da profunda capacidade de crítica social, a metáfora como potencialmente demonstradora, bem como desmanteladora dos estigmas relativos às enfermidades. A retificação e desmistificação do conceito de doença são necessidades urgentes do presente século, em que vida e morte não possuem o mesmo peso, a mesma naturalidade; a morte é repudiada, considerada não natural, e a doença é a expressão da sua sentença, um monstro maligno e invencível cuja manifestação é culpa daquele que o recebe. Não há de ser assim. Não nos abstenhamos das metáforas, pois, como Sontag (2007) mesmo afirma, é necessário desmascará-las, criticá-las, atacá-las, desgastá-las, e, acrescentamos, renová-las. Talvez só assim a humanidade possa lidar com os tantos tribunais potencialmente virtuais — situados no imaginário coletivo — e que conduzem a doença a um rito sumário, no qual definem-se perversa e categoricamente réus e vítimas.

REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. 6 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013

COHEN, Jeffrey Jerome. A cultura dos monstros: sete teses. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Pedagogia dos monstros: os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 23-60

CREED, Barbara. *The Monstrous-Feminine: Film, Feminism, Psychoanalysis*. London and New York: Routledge, 1993.

EDER, Alex. O fim da privacidade e o linchamento virtual. *Escotilha*. Brasil, 1 de dezembro de 2016, Literatura/Ponto e vírgula. Disponível em: <http://www.aescotilha.com.br/literatura/ponto-virgula/o-tribunal-da-quinta-feira-michel-laub/> Acesso em: 28 fev. 2020.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. Edições Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. *Os anormais*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LAUB, Michel. *A maçã envenenada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

LAUB, Michel. *Diário de queda*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

LAUB, Michel. *O tribunal da quinta-feira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

LUCCHESI, Alexandre. Michel Laub lança "O tribunal da quinta-feira", livro sobre privacidade e linchamento virtual. Gaúcha ZH. Porto Alegre, 9 de novembro de 2016, Livros. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/livros/noticia/2016/11/michel-laub-lanca-o-tribunal-da-quinta-feira-livro-sobre-privacidade-e-linchamento-virtual-8207974.html> Acesso em: 28 fev. 2020.

MISKOLCI, Richard. *Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças*. Belo Horizonte: Autêntica Editora/UFPO, 2012.

MORAES, Camila. Michel Laub: "Quem pondera hoje é massacrado". *El País online*. Brasil, 19 nov 2016, Literatura. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2016/11/17/cultura/1479415869_130648.html Acesso em: 28 fev. 2020.

PERLONGHER, Nestor. *O que é AIDS?*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

PROSPERO, Carolina. Os julgamentos virtuais em “O Tribunal da Quinta-feira”, de Michel Laub. *Homo Literatus*. São Paulo, 25 de julho de 2018, Resenha. Disponível em: <https://homoliteratus.com/julgamentos-virtuais-tribunal/> Acesso em: 28 fev. 2020.

RICH, A. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. *Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades*, v. 4, n. 05, 27 nov. 2012

SONTAG, Susan. *Doença como metáfora: AIDS e suas metáforas*. Tradução: Rubens Figueiredo e Paulo Henrique Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

STRÖMQUIST, Liv. *A origem do mundo: uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado*. Tradução Kristin Lie Garrubo. São Paulo: Quadrinhos na Cia, 2018.

WOOLF, Virginia. *O sol e o peixe: prosas poéticas*. Seleção e tradução Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

Submetido em outubro de 2020
Aprovado em dezembro de 2020

Informações dxs autorxs

Marcio Markendorf
Universidade Federal de Santa Catarina
E-mail: marciomarkendorf@gmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8022-1350>
Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2001852168968424>

Marthina de Alexandri Baldwin
Universidade Federal de Santa Catarina
E-mail: marthina.b@hotmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6902-6514>
Link do Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5708714483107889>